



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

NANDO PAULO SUMA

**USOS E COSTUMES DO GRUPO ETNOLINGUÍSTICO BRASSA-BALANTA:
PROCESSOS DE ATRIBUIÇÃO DOS NOMES E SEUS SIGNIFICADOS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

NANDO PAULO SUMA

**USOS E COSTUMES DO GRUPO ETNOLINGUÍSTICO BRASSA-BALANTA:
PROCESSOS DE ATRIBUIÇÃO DOS NOMES E SEUS SIGNIFICADOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Bacharelado em humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos necessários para aquisição do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Ercílio Neves Brandão Langa.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2018

NANDO PAULO SUMA

**USOS E COSTUMES DO GRUPO ETNOLINGUÍSTICO BRASSA-BALANTA:
PROCESSOS DE ATRIBUIÇÃO DOS NOMES E SEUS SIGNIFICADOS**

Projeto de pesquisa apresentado ao Programa de graduação em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 18/05/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ercílio Neves Brandão Langa (orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Ismael Tcham

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Ivaldo Marciano de França Lima

Universidade do Estado da Bahia - Uneb

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	OBJETIVOS	6
2.1	OBJETIVO GERAL	6
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	6
3	JUSTIFICATIVA	6
4	PERGUNTA DE PARTIDA	7
4.1	HIPÓTESES	7
5	REFERENCIAL TEÓRICO	8
5.1	CONCEITOS DA CULTURA	8
5.2	ETNIA	10
5.3	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, GEOGRÁFICA E CULTURAL DA GUINÉ-BISSAU	12
5.4	OS BALANTAS (BRASSA)	13
5.5	USOS E COSTUMES DOS <i>BRASSA-BALANTA</i>	15
5.6	PROCESSOS DE ATRIBUIÇÃO DOS NOMES E SEUS SIGNIFICADOS	18
6	METODOLOGIA	21
7	CRONOGRAMA	23
	REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda práticas de usos e costumes da etnia *Brassa (Balanta)*, particularmente os processos de atribuição dos nomes e seus significados. Os *Brassa* são um grupo humano localizado geralmente a Norte e Sul da Guiné-Bissau concretamente nas regiões de (Quinara, Oio e Tombali), assim como na capital Bissau constituem cerca de 22% da população guineense.

No decorrer do mesmo traremos alguns aspectos relacionados ao modo de vida desse grupo etnolinguístico, nas suas derivadas formas de manifestação cultural. Partindo de análise de suas diferentes formas de realizações, seus usos e costumes, na qual alguns se destacam pela sua pertinência no que se refere à manutenção da ordem social, sobrevivência, e relações sócio-culturais dos indivíduos na sociedade e com seus antepassados e suas linhagens.

Análise dessa pesquisa irá focar principalmente no âmbito de atribuição dos nomes às crianças em função do momento em que nasceram, ou em conformidade com algumas práticas tradicionais marcantes na vida dos indivíduos inseridos nessa sociedade. A partir disso, os nomes serão atribuídos aos sujeitos, demonstrando assim a relevância dos momentos ou em concordância com as práticas de usos e costumes existentes nessa sociedade. Sabe-se também, que estas realizações funcionam como marcadores históricos nessa organização. Será analisada, a maneira como algumas dessas práticas são importantes ao ponto de explicar ou refletir no significado dos nomes das crianças, assim, os indivíduos são atribuídos determinados nomes em virtude do contexto situacional em que nasceram ou que se encontra a família.

Na mesma ordem de idéia, observaremos a existência da designação entre alguns membros deste grupo dependendo do território onde se estabelece, de seu passado histórico, migratório ou simplesmente por questão de tradição, na qual os sobrenomes remetem para lugar de origem da pessoa. Isto é, a composição do nome do individuo visando seu lugar de origem, seus ancestrais, sua linhagem etc. Destaca-se também a forma como se compõe uma família *Balanta*, na qual se vê mais influência dos homens, seus filhos e netos podem ter o apelido da linhagem, ao contrário das mulheres que seus filhos sempre terão o apelido de acordo com a linhagem do pai, ou seja, estamos perante uma organização social patriarcal.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer os usos e costumes dos *Brassa*.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender como se atribuem os nomes e seus significados na organização social dos *Brassa*.
- Verificar os modos de vida e rituais tradicionais importantes na sociedade *Brassa*.
- Avaliar impactos desses nomes na preservação da memória da comunidade.

3 JUSTIFICATIVA

O interesse pelo tema deste trabalho surgiu a partir dos debates e leituras dos textos na disciplina Sociologia Africana, na qual tratamos de assuntos sócio-culturais de diferentes países africanos. Ao longo das discussões na turma percebi certa semelhança entre algumas práticas tradicionais de usos e costume dos povos *Bantu* com as da minha etnia (*Brassa*), principalmente a prática de *Lovolo* (casamento tradicional) de Moçambique, e formas de nomeação deste povo.

Enquanto integrante desta comunidade, sinto a obrigação de conhecer os processos sociais e históricos deste grupo populacional, que é contada oralmente de geração a geração, deste modo, pode acabar se perdendo muitos aspectos fundamentais tendo em conta o efeito da modernidade em consonância com a globalização. Sem menosprezar o papel da oralidade nas sociedades africanas, que segundo Hampatê Bá, (2010, p.182),

Para os tradicionalistas africanos a tradição oral (conhecimento transmitido oralmente de geração para geração) é o conhecimento total, ela é a grande escola de vida dela recupera e relaciona todos os aspectos da vida, na qual o espiritual e material são indissociáveis.

Nessa ótica, considero muito importante fazer um estudo sobre o mesmo grupo buscando compreender o porquê, de certas práticas serem tão importantes nesta sociedade,

neste caso, a razão de atribuição destes nomes com seus respectivos significados que explicam a história de vida do indivíduo, da família e da comunidade.

Por razões políticas e acadêmicas, pode-se ver relevância deste trabalho, partindo do pressuposto que tudo tem sua explicação e significado no que se trata dos povos tradicionais. Numa perspectiva antropológica e cultural veremos que este é um componente valioso no que se refere ao estudo e compreensão dos modos de vida e a cosmovisão de determinado povo, com suas formas de pensar, agir e conceber os fenômenos, diferente de muitos outros grupos sociais. Do ponto de vista sociológico, podemos ver a relevância que este trabalho possa ter de acordo com sociólogo moçambicano Elísio Macamo (2002):

Essas práticas se situam no âmbito daquilo que se considera de saber tradicional, que tem função ritual, é um saber que muitas vezes não é verbalizado e encontra expressão em situações e rituais onde se produz e confirma a ordem social. Manifesta-se mais em momentos como os mitos fundadores de linhagens ou legitimadores de poder, não só no meio tradicional. Também acontece no meio acadêmico, no qual pode-se ver tendências que vão ao sentido de instrumentalização do conhecimento nessa perspectiva (p.13).

Por outro lado, Hampatê Bá (2010) afirma que “todo africano tem um pouco de genealogista, e é capaz de remontar a um passado distante em sua própria linhagem do contrário estaria como que privado da sua carteira de identidade” (p.212). Em busca e valorização de tal “carteira de identidade” trazida pelo autor, portanto, pretendemos mostrar seriedade deste trabalho para determinadas finalidades tanto no mundo acadêmico bem como no exterior.

4 PERGUNTA DE PARTIDA

Como se atribui os nomes na sociedade *Brassa-Balanta*?

4.1 HIPÓTESES

No grupo etnolinguístico e cultural *Brassa*, ao nascerem às crianças recebem nomes que explicam situações e contextos sociais vivenciados pelos pais ou pela comunidade. Observamos também que, alguns nomes têm a ver com determinados acontecimentos e rituais importantes na cultura *Brassa*. Desta forma, os nomes atribuídos vão ter significados em

virtude da observância dos rituais e vivências de momentos marcantes na vida das comunidades ou das famílias.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

As principais questões teóricas que vão sustentar este projeto de pesquisa serão questões ligadas principalmente à cultura e etnia.

5.1 CONCEITOS DA CULTURA

Sabe-se que no final de século XVIII e conseqüente o termo germânico “KURTUR” era utilizado para simbolizar aspectos espirituais de uma sociedade, na França era a palavra “Civilization” que seria nada mais que realizações materiais de um grupo humano. Anos depois os dois termos foram resumidos pelo antropólogo britânico Edward Tylor na palavra inglesa “Culture”, que em termos etnográfico seria “todo conjunto que inclui: conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes, e qualquer outra capacidade ou hábito adquirido pelo homem na sociedade”. (TAILOR, 1871 *apud* LARAIA, 2004, p.14)

Nasceu assim a primeira definição do que é cultura que foi considerado na altura muito vasto. Mais tarde, o autor diminuiu esse conceito considerando-o como todo comportamento apreendido, isto é, aquilo que não é efeito da difusão genética. De salientar que havia na época discordância entre antropólogos sobre o que é cultural e biológico, ou seja, muitos associam os dois conceitos. Um século depois o antropólogo estadunidense Alfred Kroeber (1950), tentou clarificar e diminuir esse conceito, Primeiramente a partir dos seus estudos conclui que “o homem é único ser possuidor de cultura, e graças a ela a humanidade se distanciou da animalidade e passou a ser considerada um ser que está acima de seus limites orgânicos”.

Ele demonstra que homem é um ser predominantemente cultural, os seus comportamentos não são biologicamente determinados, quer dizer, a nossa herança genética não tem influência nenhuma sobre nossas ações e pensamentos, pois todos os nossos atos resultam transversalmente de um processo de aprendizado com nossos semelhantes dentro de uma cultura.

Em termos gerais percebe-se que o Kroeber, propôs uma definição simplificada da cultura, que seria todo comportamento aprendido pelo homem no meio que está inserido sem interferência de fatores biológico. Ou como queira Laraia (2004, p.24) “o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado”.

Outra definição da cultura veio do antropólogo cultural estadunidense que definiu cultura considerando-a abrangente a quase toda esfera da vida humana. Nestes termos,

Modo de vida geral de um povo; legado social que individuo adquire do seu grupo; forma de pensar sentir e acreditar; uma abstração do comportamento; conjunto de orientações padronizadas para problemas recorrentes; comportamento aprendido; mecanismo para orientação normativa do comportamento; um celeiro de aprendizagem comum. (CLYDE CLUCKHUNH, 1963 *apud* GERTTZ, 2008, p.10)

Na mesma perspectiva, Clifford Gertz, (2008, p.10), partindo de Max Weber de que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” considera a cultura como sendo essas teias e sua análise, portanto cinge na interpretação desses significados.

A reconstrução dos conceitos da Cultura foi uma das tarefas de antropologia moderna, segundo Laraia (2001), na qual os neo-evolucionistas a consideram como um sistema adaptativo. Entre eles destacam: Lislle White (1955), Sahling, Harris, Carneiro, Rappaport, concluem que:

Culturas são sistemas (de padrões de comportamentos socialmente estabelecidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos.
Mudança cultural é primeiramente um processo de adaptação equivalente a seleção natural;
Os componentes ideológicos dos sistemas culturais podem ter conseqüências adaptativas no controle da população da subsistência e manutenção do ecossistema (White *et al* LARAIA, 2004, p.31-32)

Outros autores modernos com teorias idealista de cultura na pessoa de W.Goodenought (1971), sustenta que a cultura “é um sistema de conhecimento que consiste em tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável na sua comunidade”

Cultura como sistemas estruturais a perspectiva desenvolvida pelo Claudi Lévy Strauss (1976), define a cultura como sendo “sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana”. Eis as diferentes definições dos autores sobre conceito de cultura que ao menos nos dá a consciência de que a cultura é algo inerente ao ser humano.

5.2 ETNIA

Tal como o cultural foi associado com biológico, o conceito da etnia criada no séc.XX, foi associado com a noção de: raça, povo e Nação que desta forma deixou para discussões contemporâneas relações anfibológicas. De acordo com Poutignat (1998) o conceito da etnia foi introduzido nas ciências sociais pelo eugenista francês Georges Vacher de Lapouge (1854-1936). Para dar conta de uma solidariedade de grupo particular, simultaneamente diferente daqueles produzidas pela organização política e daquela produzida pela similaridade antropológica. A partir disso, diferentes autores terão o papel de decifrar as concepções que envolvem essas noções consideradas semelhantes e confusas.

Poutignat e Streiff-Fernat (1998, p.37), apontam que, “o que distingue a pertença racial da étnica é que, a primeira tem como base a comunidade de origem e a étnica se caracteriza pela crença subjetiva na comunidade de origem”. E a Nação por sua vez é como grupo étnico, baseado na crença da vida em comum pelo entusiasmo ligado a exigência de um poderio político.

Para (Weber, 1971, p. 416 *apud* Poutignat e Streiff-Fernat (1998, p.37)

Grupos étnicos são aqueles que alimentam uma crença subjetiva em comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, e ou dos dois, nas lembranças da colonização, migração etc. De modo que esta crença torna-se importante para propagação da comunalização, pouco importando se uma comunidade de sangue exista ou não objetivamente.

Para este autor, a etnia como nação ficam do lado da crença de sentimento e da representação coletiva contrariamente a raça se situa no âmbito de parentesco biológico afetivo.

Poutignat e Streiff-Fernat (1998, p.41), concluíram que “os grupos raciais diferem dos étnicos por serem definidos não em termos de diferenças socioculturais, mas pelas diferenças percebidas no fenótipo de acordo com sociologia anglo-saxônica”. Isto é, as questões da fisionomia e traços que determinam sua pertença a um determinado grupo racial.

Para Eriksen (1993, p.7 *apud* Malikoski , 2014, p.5) a etnicidade “é uma construção social baseada numa diferenciação cultural que se produz das classificações sociais elaboradas a partir de relacionamentos transacionados socialmente, designando a especificidade da ancestralidade, da cultura e da língua”.

Weber (1971) elege alguns condicionantes que influenciam na constituição da comunidade étnica: a língua e a religião. Advertiu ainda que possam ocorrer diferenças em termos dialéticos ou religioso entre pessoas que se consideram subjetivamente membro de um grupo. Concluiu-se que “grupo étnico é claramente uma construção social cuja existência é sempre problemática”. Insistindo ainda que a identidade étnica crença na vida comum étnica constrói-se a partir da diferença. Isto é, das comunicações das diferenças que os indivíduos se utilizam para estabelecer fronteiras étnicas. Ele descreve ainda que o conteúdo do grupo étnico é a crença na honra específica (a honra étnica pela qual os modos de vida particulares se incumbem de valores sobre quais fundam as pretensões a dignidade daqueles que o praticam e aversão por aqueles que praticam costumes estrangeiros).

Outra definição do que seria etnia veio do Kabenguelé Munanga, que a priori faz uma diferenciação entre este conceito e o da raça dizendo que:

O conteúdo da raça é morfo-biológico e o da etnia é sócio-cultural, histórico e psicológico. Razão pelo qual um conjunto populacional dito raça “branca”, “negra” e “amarela”, pode conter em seu seio diversas etnias. Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmo visão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território. (MUNANGA, 2003, p.12).

Verifica-se também opiniões que vão ao sentido contrário desses autores que restringem este conceito a pertença cultural ou em alguns aspectos comuns de uma determinada sociedade da qual se define a identidade étnica. Para tal Lapierre (1998), considera que a idéia da etnicidade “possui uma abordagem mais sociológica, que não se limita simplesmente num conjunto de traços culturais imutáveis como: crenças, valores, símbolos, ritos ou línguas transmitidas de geração para geração”.

Na mesma perspectiva Poutignat e Streiff-Fernat (1998) demonstram que a etnicidade é um processo contínuo de diferenciação entre grupos na interação social. Ou seja, esse fenômeno tem um caráter mais relacional do que biológico. Por isso, não se deve limitá-lo a estes pequenos requisitos. (Barth, 1986 *apud* Villar, 2004, p.172) chama atenção para o fato de “considerar a linguagem como elemento definidor da identidade étnica, ou principalmente para a idéia do “tipo ideal” de grupo étnico na qual são determinantes para pertencimento étnico seguintes elementos culturais: língua, território, costumes e valores comuns”. Para esse antropólogo social o fato de pertencer uma cultura é uma consequência, não a causa, ou a condição advinda na etnicidade.

Em síntese, pretende-se demonstrar que não se deve manter o modo único de definir identidade étnica, porque, ela vai para além desses critérios arcaicos, visto que, envolve mais a questão da convivência e relacionamento no meio social entre seres humanos que não precisam necessariamente compartilhar mesma língua ou cultura ou território.

5.3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, GEOGRÁFICA E CULTURAL DA GUINÉ-BISSAU

De acordo com Benzinho e Rosa (2015) primeiros vestígios da presença humana na Guiné-Bissau datam-se de 2000 anos a.C. Porém, os relatos mais recente apontam para 3000 a.C. com a chegada de povos de deserto de Sahara considerados ascendentes dos atuais grupos étnicos no litoral e ilhas da Guiné. Com a tomada de Kumbi-Saleh antiga capital do império de Gana pelos Almoravidas, daí que os povos Naulus e Ladurnas chegam a Guiné-Bissau, na região nordeste do país dominada pelos Mandingas. A chegada dos portugueses foi datada de 1446 por intermédio do navegador Nuno Tristão. A presença portuguesa inicia se em 1588 na Vila de Cacheu que estava sob administração de arquipélago de Cabo-verde que mais tarde vai ser o entre posto de tráfico de escravo. O país tornou-se independente após uma luta que durou pouco mais de dez anos contra dominação portuguesa em 24 de setembro de 1973.

A Guiné-Bissau situa-se geograficamente na costa ocidental da África compõe um território de 36.125 km² faz fronteira a Norte com Senegal a Sul e Leste com Guiné-Conacri e Oeste é banhado pelo Oceano Atlântico, constituída por uma parte insular com mais de noventa ilhas e outra continental. Um clima predominantemente tropical quente e úmido com duas estações do ano a chuvosa (de mês de maio a outubro) e a da seca (de novembro a abril) a temperatura média anual é de 26,8°. Em termos administrativo o país divide-se em oito regiões e um sector autónomo que é a capital (Bissau), as regiões dividem-se em trinta e seis sectores que se subdividem em secções compostas por aldeias. A população é de pouco mais de um milhão e meia de habitantes majoritariamente jovem cuja esperança media de vida é de 52 anos de idade e somente 43,7% da população é alfabetizada. (BENZINHO e ROSA, 2015)

Os estudos apontam que existem mais de duas dezenas de grupos étnicos nesse país com suas linguagens, praticas tradicionais e culturais diferentes um do outro, citamos alguns dos mais numerosos que são: *Fula* 28,5% que vivem na Zona Leste de país concretamente nas regiões de Bafatá e Gabú, os *Balantas* 22,5 estabelecido principalmente nas regiões de Cátio e

Oio na Zona Sul e Norte do território guineense, e outros como: mandingas, *Manjakus*, *Mancanhas*, *Pepel*, *Biafada*, *Bijago* que vivem na parte insular dos arquipélagos dos Bijágos etc. De salientar que a língua oficial do país é o português falado por apenas 13% da população, porém existe uma língua nacional que é o crioulo falada por mais de 60% da população, e mais de vinte dialetos em função dos muitos grupos étnicos existentes no país. (BENZINHO e ROSA, 2015)

5.4 OS BALANTAS (BRASSA)

Procuramos neste momento entender como e de onde veio este nome vulgarmente conhecido que caracteriza esse grupo étnico. Antes de tudo adverte-nos Cammilleri (1939, p.14) que:

O nome com que é definido um povo é muito importante, porque exprime uma forma de comportamento e de relação na aproximação com outros povos diferentes e que normalmente se conclui com juízos de valores. Nomear quer dizer, julgar, classificar e definir. Um nome que um povo dá a si mesmo por vezes pode ser diferente daquele que outro povo lhe dá.

O exemplo da advertência do autor pode ser visto a partir da forma como foi atribuído ao grupo em questão o nome *Balanta* por outro grupo étnico em consequência das suas relações não amistosas. Conforme Landerset:

Devido sua relutância em se submeter ao domínio dos mandingas parece ter derivado o nome hoje dado à tribo pela deturpação do vocábulo mandinga “abalata” os que se negam ou os que recusam. “A si mesmo dão o nome de ‘Brassa”. Descende possivelmente de povo etíope de oeste predomínio de caracteres e língua de grupos de raças primitivas do extremo ocidental africano semi-bantu. (LANDERSET, 1935 p.113)

O povo *Brassa* compõe dois grandes grupos: os de *Kuntowe* e os de *Nhacra* (Balantas de Fora) Buwungue. Os *Kuntowe* por sua vez subdividem-se em duas sub-etnias: os Nagas e os Mansoncas. Quanto à composição da família, segundo Rith (2013) numa *morança* os filhos (homens) têm direito a permanecer e nela realizar os seus casamentos assim como seus filhos (sobrinhos da *morança*) podem ficar e assumir o apelido da *morança*.¹

¹ Morança, significa conjunto de casas que compõem uma grande família com ancestrais comuns (avô paterno).

Ao contrário das filhas que em função do casamento não permanecem na *morança* (na casa paterna) e os filhos(as) delas não têm direito de usar apelido da *morança*. Porque, segundo a tradição *Brassa* conforme esse autor, o filho gerado por uma mulher *Brassa* pertence á etnia do pai seja qual for. O autor adverte que isso tem forte implicação no modo de composição e legitimação de um indivíduo como membro de uma família. Os filhos constroem suas casas a volta da casa do pai deixando no meio um largo espaço sagrado (*Fiaré*), onde se faz culto sagrado ao supremo.

A base da subsistência do povo *Brassa* é a agricultura, criação de gado e pesca, são grandes produtores de arroz por excelência, é notório a não utilização dos gados para fins comerciais. De acordo com Siga (2015, p.7) essa “é uma das formas de preservar alguns costumes tradicionais desse povo, pois, segundo a tradição *Brassa* ser rico não é ter bens econômicos, mas sim grandes rebanhos e campos de cultivo”. Esses gados são indispensáveis para rituais mais importantes como da iniciação, casamento, e funeral, razão pelo qual devem ser guardados para esses momentos. A base de alimentação dos *Brassa* é arroz com azeite de palma milho, inhame, mandioca, carne peixe e mariscos.

Conforme Siga (2015), a terra é entendida para os *Brassa* não como uma propriedade, mas antes como um lugar sagrado de adoração, pois, consideram que lá estão os ancestrais, razão pelo qual tudo que ali vai ser feito: cultivo, construção da casa etc. Exige a priori um ritual (cerimônia).

Quanto á organização política, de acordo com Cammilleri (2010, p.36) o sistema político *Brassa* “não se basea numa autoridade centralizada representada por um rei ou regulo tal como outros grupos étnicos que dispunham de um regulo, porém a autoridade é representada e executada por um colégio (Concelho de anciãos)”. Na qual participa os chefes das famílias residentes na aldeia. Uma sociedade patriarcal, com uma organização social horizontal sem hierarquias baseada na senioridade. Estes homens que compõem o Concelho são escolhidos pelo seu humanismo, experiência pessoal, conhecimento observância e prática das obrigações tradicionais, pela forma como lidam com os problemas do cotidiano, sua sensatez e acima de tudo só quem passou por ritual de *Fanado* (circuncisão) pode fazer parte deste órgão “administrativo” que quando for necessário se reúnem em prol de solução para problemas decorrentes na comunidade e suas relações com comunidades vizinhas.

5.5 USOS E COSTUMES DOS *BRASSA-BALANTA*

Entre as práticas tradicionais deste grupo etnolinguístico consideramos os seguintes que são as mais relevantes, que caso não realizá-la pode afetar negativamente a vida das pessoas ou da comunidade, entre quais se destacam: *Fó*, *fanado*, ou circuncisão, *Kwassé*, casamento, *singha critch*, ritual fúnebre ou celebração do enterro.

Fó, é o mais importante cerimonial para homem *Brassa*, constitui a sua última etapa de formação e amadurecimento, conforme Cammilleri (2010) o homem *Brassa*, passa por sete etapas de formação na sua vida dentro da sociedade que começa a partir dos seis anos de idade, primeira etapa “*Bidokn Ni Ñare*” e culmina com “*Fó*” última etapa, que vai de 24 a 30 anos de idade.

De acordo com (Soccio *apud* Carita , 2004), essa prática trata-se de um ritual de iniciação "em que os homens são levados para o mato durante dois meses pelos anciões, lá são circuncidados e recebem formação dos mais velhos em todos os níveis culturais, sociais e morais da sua etnia" (p.2). Essa é uma forma também de ganhar prestígio nessa sociedade e ser respeitado em todas as esferas sociais, pois caso contrário o indivíduo é sujeito a restrição nos outros rituais.

É notório que, os que passaram por esse ritual são respeitados e têm privilégio de serem servidos melhores nas festas em relação aos outros que ainda não o fizeram. Entre eles, nota-se diferença tanto nas vestimentas como na conduta. Ainda no que tange à restrição aos indivíduos que ainda não cumpriram a iniciação, eles não podem comandar consagrações fúnebres, e muito menos participar em tomada da decisão na sociedade sobre determinados assuntos. Entende-se ainda que esse ritual visa a partir de um processo, a integração sociocultural e religiosa dos jovens para convivência nas comunidades.

Conforme Cammilleri:

A idéia fundamental da iniciação é dar aos jovens formações necessárias para serem adultos. A passagem da infância a maturidade realiza-se através do contrato com os antepassados das famílias, entrando o noviço em relação com os espíritos dos antepassados que o matam como criança e ele renasce adulto capaz de gerar.(SCHRTZ *apud* CAMMILLERI, 2010, p.38)

Kwassé, o casamento, de acordo com Cammilleri (2010), constitui a terceira fase “Iegle” de formação de mulher *Brassa*, que começa desde primeira fase “*Nbi fula uson*” com menos de oito anos de idade e termina na sexta fase “*Anin Ndolo*”, idosa, avó ou bisavó, anciã.

O Casamento é negociado entre o pretendente e o pai da mulher, ou entre os familiares das duas partes com entrega de cabras, porcos como sinal de fecho de contrato e vinho, que culmina com grande festa. Os familiares do homem paga dote, que seria o que Brigitte Bagnol chama de “Lovolo” na sua obra (Lovolo e espíritos no Sul de Moçambique, 2008). Na qual os familiares da mulher exigem certas oferendas, que geralmente são: tecidos, animais, aguardentes (cachaça), vinhos e etc.

Segundo Siga (2015, p.45), “a tradição *Balanta* permite que um homem tenha mais de uma mulher, quanto mais mulheres, mais filhos o que implica aumento de mão de obra e produção para melhor garantir a subsistência da família”. O casamento está dividido em duas partes, a primeira é a aliança entre as duas partes (família da mulher e do homem) e a segunda são os rituais nele contido: corte dos cabelos, vestimenta, cobrimento do rosto e o sacrifício de animais. De salientar que a “primeira mulher tem sempre um lugar especial e de mais responsabilidade, de prestar cuidados ao marido nos momentos mais difíceis até mesmo na morte, e mesmo divorciada tem por obrigação fazer alguns rituais vice-versa”. (SIGA, 2015 p.46). Em termos gerais de acordo com Alexandra Carita,

O casamento representa para mulheres o seu ritual de iniciação. "Fechadas numa casa com mulheres adultas recebem também formação e aconselhamento para a vida futura. O casamento é para elas indissolúvel, não se pode repetir o que não impede que possa ter outro homem e ter filhos. (SOCCIOS *apud* CARITA, 2004).

Kussundé, vulgarmente conhecido por festa de arroz é uma das maiores festa da cultura *Brassa*, é a maior realização cultural de dança nesse grupo etnolinguístico, que reúne pessoas de diferentes aldeias com objetivo de se competirem e se divertirem a fim de criar ou fortalecer seus laços fraternais. Geralmente esta festa é realizada depois ou no começo da colheita, é uma festa que é feita através de competições dos grupos dos jovens que compõe a aldeia. A sua organização fica a cargo dos chefes da camada juvenil que ainda não passaram por circuncisão.

A religião *Balanta* não difere muito da religião tradicional africana. Conforme (Soccio *apud* Carita, 2004), existe a fé num único Deus, o Irã, que pode ser um antepassado, pode ser espíritos positivos e negativos, este Irã penetra em todos os aspectos da vida de um *Balanta*. O Irã está sempre presente. Aliás, cada clã tem o seu próprio Irã, cujo 'altar' fica em frente da casa, é o Irã de proteção. "É sempre a causa metafísica que é colocada em primeiro plano, as causas transcendentais" (p.3). De acordo com esse autor, por estas razões, que o *janbacos*

(curandeiro tradicional) ou médium é uma figura carismática, recebe essa função através dos espíritos dos antepassados e carrega-a durante toda a vida.

Conforme o escrito de (Domingos, 2011 p.3) “A religião tradicional africana tem como finalidade manter relação com os ancestrais, as entidades existentes na natureza, os orixás”. Por outras palavras, percebe-se que existe uma ligação necessária entre os vivos e os mortos que tornam certos rituais indefectíveis e obrigatórias suas realizações para os indivíduos. Conforme Cammilleri, Deus é designado pelo termo *N’HALA*

Uma das palavras mais repetidas pelos BRASSA é: *N’HALA* que indica o Ser Supremo, que é em si mesmo a razão da sua existência e da sua ação, que é a origem dos outros seres que compõem o universo; a expressão “*N’HALA IAN KITTE MINA*” (*N’HALA* fez sair todas as coisas) é, para os BRASSA, sinônimo de Deus criador (CAMMILLERI, 2010, p. 99).

Em cada casa há amuletos e ferrinhos pendurados que servem para cerimônias e para lembrar os antepassados. O local mais sagrado de todos é dedicado ao Irã da *tabanca*, fica normalmente situado junto da maior árvore das redondezas, um poilão por excelência, (SOCCIO *apud* CARITA, 2004). Ao fazer qualquer coisa deve primeiramente consultar e apelar às forças sobrenaturais e espírito dos antepassados: para proteção da comunidade, para que haja bom cultivo e conseqüente colheita boa, tanto na pesca e criação de gado, que são principais atividades econômicas e de subsistência dessa sociedade. Isso se faz com sacrifício dos animais, e uso de aguardentes e vinhos (oferendas aos antepassados).

Singha-critch ou Toka Choro é um ritual fúnebre cuja realização é obrigatória para que a alma do falecido descanse em paz no mundo da “verdade” e para que haja tranquilidade na família. O choro, ou a morte de alguém, é determinante. Se morrer uma pessoa idosa os dias são de festa, porque, se diz que completou o ciclo da vida. Então todos os familiares vão à *tabanca*² cantar e festejar, em honra do falecido (a). Um choro pode durar até oito dias. Mas se é um jovem que morre, considera-se que houve influência do Irã, ou de alguma força negativa e a sensação é de medo. (SOCCIO *apud* CARITA, 2004).

Para os *Balantas* esta é uma prática crucial, sendo ela o motivo de todo o esforço dos familiares do falecido para sua realização, porque caso contrário, podem acontecer muitas desgraças e calamidade na família. Sustenta Hampatê Bá (2010), que nas sociedades tradicionais africana “a violação das leis sagradas causaria uma perturbação no equilíbrio das forças que se manifestam em distúrbios de vários tipos” (p.186) . Na mesma visão alerta

² Tabanca significa aldeia, composta por conjunto diferente famílias que possam ter ancestrais diferentes.

Mbiti (2001, p.857), que esse fenômeno se situa naquilo que se chama de “mal natural” na sociedade tradicional africana, que tem como “consequências para o transgressor: danos corporais, acidentes, infortúnios e outras calamidades causadas pela ofensa aos antepassados por não cumprir com certos costumes ou rituais”.

Normalmente, se realiza logo após a morte da pessoa como também pode ser posteriormente quando a família se sentir apto para sua realização, dependendo das suas condições financeiras. De acordo com Siga (2015), são sacrificados pelo menos dois gados bovinos nesse ritual, o primeiro serve para acompanhar o espírito do falecido junto dos antepassados e o segundo é para consumir sua carne coletivamente em sinal de agradecimento e solidariedade aos demais que participam da cerimônia. Vale lembrar que esses gados são trazidos pelos familiares do malgrado, amigos e comunidade em geral.

Os *Brassa* acreditam na existência da vida após a morte. Para eles a morte é uma viagem, compreendem assim que nesse mundo só estão de passagem. Por isso nos atos fúnebres depositam muitos panos e objetos de uso pessoal do falecido no caixão como sinal de encomenda para os que estão de outro lado (os ancestrais) e da continuidade da sua vida. De salientar que esse ritual acontece mais quando morre um adulto que para eles é um motivo de alegria. De salientar também que de acordo com Landerset (1935), os *Brassa* atribuem toda sua desgraça a obra de feitiçaria (espíritos malignos).

5.6 PROCESSOS DE ATRIBUIÇÃO DOS NOMES E SEUS SIGNIFICADOS

A composição do nome na sociedade *Brassa*, isto é, a identidade de um *Brassa* conforme Rith (2013) estabelece-se pelo nome próprio e pela junção do nome da grande família (*morança*) que se mantém de geração em geração.

Ou seja, de acordo com Cammilleri (2010, p.34), “o parentesco clânico subdivide-se em vários ramos e linhagens, *kfade*, cada um dos quais representado por um antepassado com um nome bem preciso indicado pela partícula “*na*” que precede o nome da linhagem”. Exemplo: *Ntombiqté Na Mone, Na Mone, quer dizer que Ntombiqté* pertence à linhagem dos *Na Mone* e assim por diante: *Mário Na Tanda, Clode Na Montche, Midana Na Nfadi*. A palavra (*na*) no caso seria equivalente a preposição (de) na gramática portuguesa, igual a palavra alemã *Von* que tem o mesmo significado e entra na composição dos nomes alemães. Ex: Werner Von Braun. Em termos gerais faz parte da tradição *Brassa* saber de que *morança* a pessoa é oriunda devido muitos laços familiares que daí derivam. RITH (2013).

É consenso que nessa sociedade, os nomes não são atribuídos de forma aleatória, no entanto em conformidade com as circunstâncias e isso tem grande significado na cultura dessa sociedade. Tendo em conta que, essas formas de nomeação constituem a maneira de preservar a memória da comunidade e sua história, servindo de marcadores temporais. Visto que, em consonância com Siga (2015), a concepção cronológica que se tem do tempo do ponto de vista moderno ocidental é diferente com a do homem *Brassa* “o tempo para homem *Balanta* é um ciclo que se marca com acontecimentos e grandes festas” como os rituais citados acima.

Na mesma linha de pensamento padre (Soccio *apud* Carita, 2004), sustenta que na sociedade *Brassa* “quando nasce uma criança há um período de reflexão por parte da família para atribuição do nome á criança, nome que segundo a tradição tem que estar relacionado com a situação que a família ou a *morança* atravessa” (p.3).

Acrescenta Trajano Filho (2008) que,

Outro aspecto importante de destacar é a nomeação da pessoa a partir de nome dum parente morto ou ancestral a que remete como forma de homenageá-lo ou com base na crença de reencarnação e ação permanente dos ancestrais na vida social dos indivíduos. Os nomes nessa sociedade dizem respeito a traços físicos e personalidade das pessoas, bem como palavras que expressam virtudes e defeitos, diferentes lugares e forma de nascimento terão um nome que a reflete. (p.109)

Constatamos então três aspectos principais que justificam atribuição e significado dos nomes às pessoas neste grupo étnico: Tempo, Espaço e Circunstância, ou seja, os nomes serão atribuídos de acordo com os acontecimentos e seus respectivos significados. Se um indivíduo nascer numa época de guerra, por exemplo, durante guerra de libertação ou guerra civil que teve no país e não só, pode ter um nome com tal significado no caso *Kut*. Outros caso podem ter os nomes como *Fó*; *Kwassé*, e assim sucessivamente, como podemos ver nos exemplos a seguir.

Fó (circuncisão) que é um ritual muito importante e obrigatório sendo ela uma cerimônia de iniciação e de amadurecimento do indivíduo na sociedade *Brassa*, daí que geralmente as crianças nascidas durante a época de realização deste evento podem receber este nome. Outras famílias colocam também esse nome considerando o momento em que participou desse ritual sagrado como algo marcante na sua vida e de grande importância.

Pansau, simboliza o desentendimento na *morança*, falta de figura para liderar a comunidade, ausência dos jovens por fatores migratórios, falta de presença dos espíritos dos antepassados para proteger a mesma. Pode também simbolizar o quase desaparecimento de uma geração marcada por grande taxa de mortalidade.

Kwassé (casamento tradicional) as pessoas que nasceram durante esta realização podem ter esse nome. Sendo um ritual importantíssimo para qualquer pessoa na sociedade Balanta, principalmente para mulheres, pois esse cerimonial lhes faz ser respeitada na comunidade e considerada como uma pessoa já madura e responsável caso contrário tem pouca importância na comunidade e é vista como uma mulher de má vida e sofre discriminação em vários momentos.

Clode (morte) esse nome caracteriza uma época na qual houve muitos óbitos numa comunidade ou na família, em outras situações as famílias dão esse nome aos seus filhos para dar replica a muitos óbitos que já teve na família, ou uma mulher que já perdeu bebê varias vezes por morte ou que deu luz no dia que tem desgosto na família ou comunidade.

Bferi (espíritos malignos feiticeiros) usa-se também como sendo uma referência aos deuses, ou para uma família com geração de pessoas feiticeiras ou que foram vitimas dessa prática obominada, bem como uma comunidade marcada por acontecimentos de feitiçaria, ou ainda uma família que tem sofrido muito por esse fenômeno.

B Babm (brancos ou os colonizadores portugueses) esse nome remete para designação de uma categoria “racial branca” estrangeira, durante período de guerra de libertação nacional contra os colonizadores portugueses. Daí que geralmente os indivíduos nascidos nessa época têm esse nome, outros se dão também a partir da tonalidade da pele da pessoa, se a tonalidade for diferente do comum é dado este nome.

Com mesmo objetivo entrevistamos alguns alunos membros do grupo étnico em causa, estudantes da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira), que possuem um nome étnico

Um dos entrevistado cujo nome étnico é *Unna* que significa (pancada ou surra), explica que foi dado esse nome pela sua mãe, porque seu pai batia muito na sua mãe, isto é, de tanto sofrer que a mãe sofria por apanhar sempre do pai decidiu lhe dar esse nome como sendo primogênito e que esse nome relembra o tal momento vivido pela mãe e que desta forma esse fato ficará pra sempre na sua memória.

Outro entrevistado identificado etnicamente por *Binhancarém* que significa (as pessoas são diferentes), explicou que foi dado esse nome pelo seu pai relatando um fato histórico de que alguém tentou lhe amaldiçoar e não conseguiu e ele por sua vez não vingou-a para mostrar que não se torna mal pelo mal e que as pessoas são diferentes no modo de pensar e agir.

Outro estudante de nome *Isnani* (me deixem em paz) segundo ele, este nome reflete o momento vivido pelo seu pai no qual a comunidade e a família questionava suas atitudes e decisões, e ele descontente com tal comportamento decidiu dar ao seu filho que nasceu no momento esse nome, como uma resposta para estas pessoas.

Por fim, conversamos com estudante que se responde etnicamente pelo nome *Al-n'dan* que significa (idoso) não necessariamente no sentido da idade, porém uma pessoa dotada de sabedoria e de grande influencia na comunidade ressaltando também que esse nome é usado pra designar os anciões da aldeia. Contou-nos que foi dado esse nome pelo seu pai como uma forma de invocar bênção a ele, desejando que ele seja bom menino que terá grande importância na família bem como na comunidade.

Com base nas falas dos entrevistados podemos concluir que, os nomes nesse grupo etnolinguístico têm seus respectivos significados bem como remetem para certa circunstância ou contexto histórico (momentos marcantes na vida das famílias). Na qual os pais vão denominando seus filhos em função dos seus estados de espírito ou dos eventos do cotidiano. Constata-se também que os nomes dependendo dos pais podem ser oficiais (registrada no cartório) ou não, como encontramos casos de pessoas com dois nomes na qual um é oficial e outro não, porém é o mais conhecido na comunidade e entre familiares. Outra coisa impressionante que descobrimos é que mesmo as pessoas de outro grupo étnico apropriam dos nomes *Brassa* para nomear seus filhos, com base na relevância e harmonia do significado do nome com o contexto que se vive.

6 METODOLOGIA

O desenvolvimento deste trabalho vai ser a partir de adoção de método qualitativo, que visa compreender sentidos, comportamentos, valores culturais e crenças desse grupo etnolinguístico. De acordo com antropóloga Goldenberg (2004, p.14) “na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com representatividade numérica do grupo pesquisado, mas sim o aprofundamento de compreensão de um grupo social, sua organização, de uma instituição ou de uma trajetória”. No mesmo âmbito, analisaremos essa prática de nomeação que envolve usos e costumes e seus valores nesta comunidade. Quanto ao seu objetivo, nossa pesquisa será explicativa, conforme Severino (2007), “é aquela que além de registrar e

analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através de aplicação do método experimental ou interpretação dos fenômenos” (p.13).

Tudo isso vai abranger utilização de algumas técnicas de coleta de dados, entre quais: história de vida, pesquisa bibliográfica dos escritos que relatam questões ligadas direta ou indiretamente a este assunto, no mesmo foco será imprescindível a utilização da entrevista (não-estruturada) que,

Visa obter do entrevistado o que ele considera aspectos mais relevantes sobre determinado assunto, assim como procura saber com mais clareza como; por que algo ocorre; sobre um determinado fenômeno que o pesquisador investiga. Entrevista é uma técnica fundamental na pesquisa em ciências social sendo a melhor situação para participar na mente da pessoa é a interação face a face, pois tem caráter inquestionável de proximidade entre pessoas o que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos. RICHARDSON (2012, p.208).

Na mesma perspectiva advertem Quivy, Copenhoudt (2005, p.34) que:

As entrevistas contribuem para descobrir os aspectos a terem em conta na leitura, bem como alargam ou retificam o campo da investigação das leituras, isto é as duas são complementares e se enriquecem mutuamente (as entrevistas servem para completar as pistas de trabalhos sugeridas pelas leituras bibliográficas)

A partir desta técnica pretende-se dialogar com indivíduos que são deste grupo etnolinguístico, e principalmente aqueles que têm um nome étnico, para que possamos compreender com base nas suas explicações, a que se deve seus nomes com respectivos significados. Assim, almejamos, além disso, conversar com anciões desta sociedade sobre este fenômeno em particular e sobre suas visões relativamente às praticas consuetudinárias do mesmo grupo em geral contando sempre com nossa experiência. Também veremos se será necessário realizar um trabalho de campo.

7 CRONOGRAMA

Atividades	2018	2019		2020		2021
	2º semestre	1º semestre	2º semestre	1º semestre	2º semestre	1º Semestre
Revisão Bibliográfica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
Reestruturação do projeto			<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		
Leitura e Fichamento dos textos				<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Análise e seleção dos dados				<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Criação de roteiro da entrevista					<input type="checkbox"/>	
Realização das entrevistas				<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
Organização e seleção final dos dados					<input type="checkbox"/>	
Redação da Monografia					<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Defesa da Monografia						<input type="checkbox"/>

REFERÊNCIAS

- BENZINHO, Joana. ROSA,1 Marta **A descoberta da Guiné-Bissau.** ONG- Afetos com Letras, 2015.
- BOGNOL, Brigitte. **Lovolo e espíritos no sul de Moçambique.** Analise Social, Vol. XI. III (2.º) 2008, 251-272
- CAMMILLERI, Salvatore. **A identidade cultural do povo balanta.** Lisboa: Colibri, 2010.
- FILHO Wilson Trajano, **O trabalho da criolização: práticas de nomeação na antiga Guiné Colonial,** Etnografia V.12 (1) 2008
- CARITA, Alexandra. **Etnia de barrete vermelho,** Público, Março de 2004. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2004/03/28/jornal/balanta-guinebissau-186188>> Acesso: 10 jan 2018
- DOMINGOS, Luis Tomas. **A Visão africana em relação a natureza.** Revista brasileira de História das religiões, Maringá PR v.III n.9 Jan/2011. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST12/003%20-%20Luis%20Tomas%20Domingos.pdf> Acesso em: 3 de mai 2018
- GEERTZ Clifford, **A Interpretação das Culturas.** 1ª edição. Rio de Janeiro, 2008.
- GOLDENBERG, Mirian **“A arte de Pesquisar” Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais,** Rio de janeiro 2004
- GUINÉ-BISSAU. **Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau.** 2015. Disponível em:<<http://www.stat-guinebissau.com/>>. Acesso em: 7 fev 2018.
- HAMPATE BÂ, **Tradição Viva.** In UNESCO. Historia Geral da África, I: Metodologia e Pré-História da África/ Editado PR Joseph Ki-Zerbo 2ª Ed. rev.- Brasília: UNESCO, 2010
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das Noções da Raça , Racismo identidade e etnia.** Palestra proferida no 3º Seminario nacional de Relações raciais e Educação-PENESB, Rio de Janeiro, 2003.
- LARAIA, Roque. **Cultura um conceito antropológico.** Rio de janeiro, 14ª ed Zahar, 2001.
- MACAMO Elísio, **“A constituição duma sociologia das sociedades africanas”** In: Estudos moçambicanos- Nº19 (2002) P. 5-26
- MBITI John, **o mal no pensamento africano,** Revista portuguesa de Filosofia, 57º (2001), 847-858
- POUTIGNAT, Philippe; ETREIFF-FERNAT, Jocelyne. **“Teorias da etnicidade: Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras”** de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo:Editora da UNESP, 1998
- RICHARDSON, Robert Jarry, **Pesquisa Social: métodos e técnicas.** São Paulo, 1999

RITH, Ttchogue. FREHU-N-FLIF N° 13: **a composição da família na cultura balanta.** Intelectuais Balantas na Diáspora. Oslo, n. 15, novembro. 2017. Disponível em: <<http://tchogue.blogspot.com.br/2013/06/frehu-n-flif-n-13-composicao-da-familia.html>> Acesso: 4 jan. 2018

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia de Trabalho Científico.** 23.ed. rev. e atual.- São Paulo: Cortez, 2007.

SIGA, Fernando. **A organização social, política e religiosa dos balanta: usos, costumes e rituais.** 2015. 68 f. Monografia (Bacharel em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2015

SIMÕES, Landerset. Babel negra: **Etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné.** Porto: O Comercio do Porto, Porto, 1935.

QUIVY Rymund, CAMPENHOUDT Luc Van, **Manual de Investigação em Ciências Sociais.** 4ª edição, Lisboa, 2005